

# Hospital público eficiente

CORREIO BRAZILIENSE

- 3 FEV 1993

**Alexandre Visconti Brick**

Dizer que a saúde no Brasil vai mal é, para muitos, hoje em dia, um eufemismo, diante das péssimas condições de vários hospitais, deficientes tanto no aspecto físico e instrumental quanto no humano.

Falta de verba para reformas necessárias, compra ou reposição de aparelhagem, contratação de profissionais competentes ou pagamento condigno aos existentes, compra de material de limpeza e remédios, isso tem sido a tônica de todas as reportagens diariamente veiculadas, tendo como foco o sucateamento das instituições hospitalares de nosso País.

O que se falar de Brasília?

Desde o nefasto episódio que nos privou do saudoso Tancredo Neves, esta cidade e seus profissionais de saúde se tornaram vítimas dos que afirmaram ser a ponte aérea o melhor hospital de Brasília, numa generalização que despreza todos os esforços daqueles que se empenham em prol de uma saúde melhor para todos.

E é precisamente aqui que, contrastando com toda a carência da maioria dos hospitais públicos do País, nós nos deparamos com a grandiosidade do Hospital das Forças Armadas — aparelhagem de última geração, instalações privilegiadas, limpeza e organização.

Paradoxalmente, só 30 por cento de suas instalações são ocupadas, devido aos mesmos problemas que se tornaram o desespero daqueles que dirigem as instituições públicas: falta de pessoal e de recursos.

O hospital recebe verba do Governo e possui receita própria, pois todos, militares ou não, lá atendidos pagam pela assistência mediante o fundo-saúde, mas, devido a uma dessas inexplicáveis contingências

que permeiam os trâmites burocráticos de nosso País, o hospital não pode dispor de tal receita em proveito próprio: todo o dinheiro arrecadado fica retido, enquanto a entidade mendiga verbas.

Semelhante situação precisa ser revertida; inconcebível que uma instituição que possui todos os requisitos para competir em igualdade de condições com os mais modernos hospitais do País, na opinião do renomado cirurgião cardíaco professor Zerbini, se veja na contingência de ficar em débito com sua conta de eletricidade.

Por que não se dar à instituição condições de autogerência, destinando parte do hospital aos militares e a restante, que se encontra ociosa, seria aberta aos civis, segundo convênios com as mais diversas entidades?

Tal aumento de receita possibilitaria melhor remuneração dos profissionais, contratação de outros, reposição de material, reformas e, conseqüentemente, um melhor atendimento ao paciente.

Tornar a instituição competitiva, estimulando a produtividade, pois só assim teremos condições de fixar o profissional competente no hospital, selecionando aqueles que realmente se interessam pelo sucesso do mesmo, como garantia de sua própria ascensão profissional.

Em qualquer ramo de atividade, o que faz uma instituição ser procurada não é a excelência de suas aparelhagens e instalações — é claro que isto também conta —, mas a capacidade de seus profissionais.

E isto só é possível se garantirmos a eles uma remuneração justa que não os obrigue a se dividirem entre inúmeros empregos, a fim de garantir sua subsistência.

Tal projeto permitiria que o hospital administrasse o que já arrecada

com os convênios que possui, dando-lhe autonomia para trabalhar, em vez de mendigar verbas.

Será tão difícil entender isso?

Vejam o exemplo do Incor, ao qual a Fundação Zerbini dá liberdade administrativa e financeira para ser o admirável centro de saúde que é.

Já está mais do que provado que cobrar soluções do Governo, mendigar verbas ou culpar as instituições e médicos, não é o caminho para a solução de nossos problemas de saúde. É preciso apelar para a criatividade e batalhar pelas novas idéias que surgem.

Cremos que esta proposta de autogestão do HFA pode servir de modelo para os mais diversos hospitais públicos, que hoje agonizam por falta de verbas, estando muitos sem condições de funcionar.

Felizmente, não é o caso do HFA que, por ser uma instituição militar, não se encontra sucateado, mas pronto para funcionar.

Um balanço que fizemos, por ocasião da reativação da unidade de cirurgia cardíaca, mostrou-nos que pouco falta para que possamos transformá-lo num grande centro, com capacidade, inclusive, de realização de transplantes.

Tornar o HFA, novamente, o grande centro de saúde, exemplo de eficiência e organização que foi, na época do milagre econômico, é o nosso desafio.

É apenas uma semente, mas, com o tempo, acreditamos ser possível uma grande safra, que irá recuperar a imagem e a credibilidade dos órgãos estatais, alterando, quem sabe, os destinos da própria Medicina brasileira.

■ Alexandre Visconti Brick é chefe do Serviço de Cirurgia Cardíaca do Hospital das Forças Armadas (HFA)